

## UM MANUSCRITO EM FRANCÊS SOBRE O CONDE DE OEIRAS

Na exacerbada francofilia portuguesa do Século XVIII, Sebastião José de Carvalho e Melo, primeiro, Conde de Oeiras, mais tarde, Marquês de Pombal, ao que afirmam alguns Historiadores, não era muito dotado para o manejo das línguas europeias, particularmente a francesa e a inglesa, pelo que se apresentou sempre como um espírito bastante agudo e crítico, avesso a subserviências linguísticas e culturais. Seguramente, a França não o seduziu enquanto modelo cultural e diplomático e foi na Inglaterra e na Áustria que fez o seu tirocínio de diplomata, cujos êxitos em muito contribuíram para que o francófilo D. Luís da Cunha o recomendasse a D. José para Conselheiro e Secretário de Estado. O seu homólogo no tempo de D. João V, Alexandre de Gusmão, vivera em França e em Itália, e conseguira uma síntese muito equilibrada do Enciclopedismo francês com o Iluminismo de matriz italiana. Ao contrário, Sebastião José de Carvalho e Melo, nos seus actos como nos seus escritos, nunca incensou a França nem a entronizou como modelo político e cultural. É certo que o seu Galicanismo histórico lhe serviu de apoio, do ponto de vista teórico, na sua luta acesa com Ultramontanismo português, conservadoramente agarrado às decisões do Poder do Papa e do Núncio e passivamente submisso à terrível Inquisição, que ele acabou por domar, cedendo a críticas e pressões internacionais muito fortes.

Já referimos no nosso estudo *Cantigas de Escárnio e Mal-dizer do Marquês de Pombal ou a crónica rimada da Viradadeira* (1) que houve franceses que se deixaram impressionar pela estatura moral e a política do Primeiro Ministro português, figura muito polémica, contraditoriamente julgada pelos diplomatas credenciados em Lisboa. Insensíveis aos remos que o sarcástico Voltaire lançou sobre ele a propósito do caso Malagrida, por ter sido obrigado por Roma a submeter à Inquisição um eventual criminoso de direito comum acusado de convívio moral na tentativa frustrada do regicídio, alguns escritores franceses apuraram as suas penas para cantar o tão discutido político português. Entre eles, Antoinette-Henriette-Clémence Robert escreveu uma novela de carácter histórico, depois traduzida para espanhol (2), tomando o Marquês como protagonista da narrativa. Logchamps compôs uma tragédia em três actos, em verso, que o autor afirma ter sido traduzida do português. Por seu turno, Bovilly concebeu um drama heróico em três actos, com música de Alex Puccini (3). É também muito conhecido o retrato do Conde de Oeiras, ainda em fase de meteórica ascensão política, já várias vezes publicado e legendado em francês muito encomiástico:

*Ton Génie et ton Coeur, ta Sagesse et ton Zèle  
Tout les peint, Ministre fidèle;  
L'Estime d'un grand Roi, la paix de ses Etats,  
l'Amour des citoyens,  
l'effroi des scélérats (4).*

Outro poeta francês (ou o mesmo), não sendo de excluir também a hipótese de se tratar dum *afrancesado*, em qualquer dos casos anónimo, dedicou a Sebastião José uns versos para legendar um novo retrato do ministro português:

*"Vers pour mettre au bas du portrait du comte d'Oeyras"*

*Admirens ce Ministre unique  
Qui servira d'exemple à la Postérité.  
Il a de Richelieu la vaste Politique,  
Et de Sully l'intégrité.  
Il chassa le Jésuite, et il fut l'effroi du traître;  
De Rome, respecta mais borna le pouvoir.  
A tout autre intérêt préfère son devoir,  
Et ne connaît d'amis que l'État, et son Maître.*

Este manuscrito da Academia Real de Ciências de Lisboa, com o número 187, altamente favorável ao Marquês, desenvolve o tópico da comparação com Richelieu e Sully, que já tínhamos encontrado no núcleo dos epitáfios:

*Como Richelieu  
Sublime nos projectos,  
Igual a Sully  
Na vida e na morte (5).*

Muito conciso na sua elaboração, este elogio ao Conde de Oeiras toca todas as cordas do retrato político da época, apresentando o Secretário de Estado de D. José I como a súpula perfeita de todas as virtudes do Ministro ideal ou idealizado. De destacar, a afirmação de que soube em todas as ocasiões, mesmo conflituosas, respeitar a autoridade romana, embora na sua luta febroniana contra o Papado tenha limitado os poderes do Núncio, em mais uma das velhas escaramuças entre o Sacerdócio e o Império, entre o poder civil e eclesiástico, o foro externo e o foro interno.

O retrato que este poema sustenta, nesta fase de grande prestígio político de Sebastião José, muito antes do período desgastante da **Viradeira**, é que o Primeiro-Ministro de D. José era um político perfeito, servindo o

Estado numa dedicação integral e numa fidelidade perfeita aos desígnios régios. A chusma de sonetos, epitáfios, composições para-teatrais satíricas, etc, só viriam a proliferar a partir de 1777, com a morte de D. José e a consequente queda do Marquês em desgraça política.

F. B.

## NOTAS

(1) BRITO, Ferreira de — *Cantigas de Escárnio e Mal-dizer do Marquês de Pombal ou a crónica rimada da Viradeira*, Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, 1990.

(2) *Cf. Ibidem*, p.57.

(3) *Cf. Ibidem*, p. 55.

(4) *Cf. Ibidem*, p. 7.

(5) *Cf. Ibidem*, p. 219.